

SEUSERET III E O FIM DA XII DINASTIA

Saiu recentemente um estudo do egiptólogo francês Pierre Tallet dedicado ao grande faraó do Império Médio que foi Senuseret III, com o título de *Sésostris III et la fin de la XIIe dynastie*. Antes de apreciarmos o teor da presente obra, caracterizemos, em largos traços, o perfil académico do autor: antigo discente na Escola Normal Superior de Ulm, licenciado em História e doutorado em Egiptologia, Pierre Tallet tem participado em numerosas missões arqueológicas nos oásis de Dakhla e Bahareia, e em Karnak (Lucsor Oriental), Deir el-Medina, na necrópole tebana (Lucsor Ocidental), e, ainda, na península do Sinai. Actualmente, é *maître de conférences* na Université de Paris-IV/Sorbonne, pertence à missão arqueológica de Ain Sukhna (no golfo do Suez) e ocupa o cargo de director da missão de estudo no Sul do Sinai, projecto que conta com o patrocínio do Institut Français d'Archéologie Orientale e da Université de Paris-IV.

Este livro foi publicado na colecção «Les Grands Pharaons» da Pygmalion (dirigida pela egiptóloga Isabelle Franco), que principiou com uma monografia de Michel Baud, especialista do Império Antigo. O principal objectivo da referida colecção radica na divulgação (tanto para o grande público como também para estudantes e especialistas) da história da civilização faraónica através de abordagens de pendor biográfico de alguns dos monarcas mais emblemáticos do antigo Egipto. Na obra em apreço, como aliás se infere pelo título, o autor busca transmitir uma visão sugestiva, mas ao mesmo tempo sóbria e rigorosa, da vida e do reinado de Senuseret⁽¹⁾ III e, extensivamente, dos últimos tempos da XII dinastia (incluindo ainda breves comentários sobre a XIII dinastia).

Hoje em dia, a biografia é um género histórico que está a conhecer grande recrudescimento por toda a Europa, mas é sobretudo em França que este fenómeno possui mais tradição e se afirma particularmente desenvolvido. Trata-se de uma forma de abordar certos acontecimentos ou épocas através do recurso (mais ou menos bem conseguido)

a uma determinada individualidade paradigmática que permite, pelo menos em teoria, tornar a exposição factual menos austera ou fastidiosa e, simultaneamente, mais próxima da narração romanesca. No caso de estudos consagrados a um só monarca, porém, é toda a história do país, por ele governado, durante o seu reinado, que está, de certa maneira, em jogo. No entanto, a pertinência deste tipo de enfoque historiográfico ganha maior acuidade quando aplicado a personagens que existiram num passado muito distante: com efeito, para além da insuficiência das fontes disponíveis, que leva a que os estudiosos se questionem sobre os pontos que podem parecer fundamentais, como a duração de um reinado ou a ascendência de um soberano (aspectos que no caso de Senuseret III ainda revelam diversas dúvidas e incertezas), que sabemos ao certo da própria personalidade dos reis egípcios? Os documentos que se conservaram, sejam «retratos» escultóricos de faraós munidos com os seus atributos e insígnias, sejam textos, tanto uns como outros manifestam a expressão oficial do poder; ou seja, transmitem uma imagem do rei quase sempre conforme ao que ele devia ser, por essência, do que ao que realmente ele foi.

Para a história mais recente, contudo, múltiplos documentos possibilitam aos investigadores corrigir as versões oficiais – desde cartas, libelos, caricaturas e memórias de particulares – e reavaliar muitos factos.

Para o antigo Egipto, como é sabido, esta espécie de fontes complementares são bem mais raras. De certos reis, alguns relatos apresentam um tipo de «retrato» concebido pelos seus autores como incompatível face à função ou ofício da monarquia: desde o carácter implacável de Khufu (observável nos contos do *Papiro Westcar* e, depois, nos escritos de Heródoto) até à alegada homossexualidade de Pepi II (de acordo com o teor do conto do general Sisené), mas a composição desses textos está, em regra, temporalmente afastada dos factos e personagens que descrevem. A modalidade discursiva textual obedecia a uma «reconstituição» da história mais em função de um objectivo definido do que propriamente a apresentação de factos concretos. De modo análogo, os «bons reis» da tradição egípcia (como Seneferu, que adquiriu rasgos de divindade benfazeja vários séculos depois do seu reinado), são produto de «imagens populares» que, ao longo do tempo, podem ter sido totalmente recicladas por acontecimentos muito posteriores aos reinados dos soberanos em causa. Além do mais, nas biografias de monarcas, várias personalidades podem

sobrepôr-se numa só, o que se constata principalmente nas descrições transmitidas pelas fontes gregas.

Por vezes, só a múmia de um faraó, quando se acha razoavelmente preservada, poderá facultar informações em primeira mão sobre a vida privada do indivíduo: qual seria o seu aspecto físico, que problemas de saúde ou doenças teve, qual foi a causa da sua morte. No que respeita aos soberanos do Império Médio, nem existem dados desse tipo, uma vez que não se descobriram corpos nas câmaras funerárias dos monarcas da XII dinastia. Que resta então para uma eventual biografia de Senuseret III? Na impossibilidade de se reconstituírem os elementos definitivamente inacessíveis, a única solução será o historiador concentrar-se no objecto histórico que lhe é proposto pelas fontes: o rei enquanto expressão do poder e como incarnação de uma função – eis dois aspectos que se captam bem sobre Senuseret III através da documentação coeva que chegou até nós. Por seu lado, e tendo como pólo referencial este protagonista, também é possível abordar todas as esferas da administração e o conjunto de facetas do programa político de uma época marcante da civilização egípcia.

Determinados reinados, pelas reformas que se sabe neles terem ocorrido, vieram a condicionar de maneira duradoura a evolução de uma sociedade sem que, no entanto, seja possível aferir com exactidão o que terá sido verdadeiramente planeado ou pretendido pelo detentor supremo do poder no país nilótico.

O reinado de Senuseret III é, inegavelmente, um momento crucial da história faraónica, traduzindo-se num período de equilíbrio e prosperidade do país que se prolongou até ao fim da XII dinastia, isto é, aproximadamente oitenta anos após a sua ascensão ao trono. Não admira, pois, que se tenham consagrado numerosos livros e artigos científicos (directa ou indirectamente) a Senuseret III, alguns dos quais P. Tallet faz questão de mencionar na introdução da sua obra – as teses de doutoramento de Robert Delia (1980) e de Josef Wegner (1996), o circunstanciado estudo de Dieter Arnold da pirâmide régia situada em Dahchur (2002), e a monografia de Claude Obsomer, relativa às campanhas de Senuseret III numa análise comparativa entre os informes transmitidos por Heródoto e as fontes egípcias da XII dinastia (1989). No tocante a fontes do Império Médio, sobretudo de finais da XII dinastia, Tallet serviu-se da compilação documental assaz profícua de Ingo Matzker (*Die Letzten Könige der 12. Dynastie*, Frankfurt am Main/Berna/Nova Iorque, 1987⁽²⁾).

Ao terminar a introdução, Tallet escreve: «Ao tomar como ponto de partida a biografia de Sesóstris III, o nosso objectivo é apresentar aqui, através desta personagem, o balanço de uma época». Mas, para se abalançar a tal tarefa, o autor viu-se compelido a espriar-se também pelos reinados dos subseqüentes reis Amenemhat III, Amenemhat IV e da rainha Neferusobek, que rematam a XII dinastia. O período em estudo engloba um lapso temporal de pouco menos de um século (78 anos), o suficiente para se detectarem certas mudanças que se operaram na sociedade egípcia de então, além da sua natureza e evolução *a posteriori*.

O livro divide-se em dez capítulos. No primeiro («O faraó Sesóstris III», pp. 11-30), o autor aborda sumariamente aspectos como a historiografia, o lugar ocupado por este monarca na XII dinastia, a sua família, além de desenvolver comentários sobre a titulação de Senuseret III, a duração e o desenrolar do seu reinado. No capítulo II, titulado «Os assuntos da Núbia» (pp. 31-76), analisam-se sequencialmente as forças em presença, as campanhas realizadas por Senuseret III (nos anos 8, 10, 16 e 19 do seu reinado) e, por último, a sólida implantação de uma rede de fortalezas egípcias na Núbia. No capítulo III (pp. 77-108), Tallet incide na administração do Egipto, desde a central até à provincial (aludindo, como seria de esperar, à diminuição da autonomia e força dos nomarcas e, por outro lado, ao aumento do poder e da autoridade do rei). Nas duas últimas alíneas, o autor esboça as linhas de força da política religiosa e o aproveitamento agrícola do fértil Faium. Ao longo destas páginas, verifica-se que o reinado de Senuseret III se pauta por um espírito empreendedor, de mudança, tanto a nível político como a nível cultural, fenómeno que foi dissecado por L. Gestermann («Der Politische und Kulturelle Wandel unter Sesostris III»⁽³⁾, em *Per Aspera ad Astra. Fs. Schenkel*, Göttingen, 1995, pp. 31-50), sendo o ideário desta egiptóloga alemã amplamente subscrito por Tallet.

O capítulo IV (pp. 109-164, o mais extenso do livro) é inteiramente dedicado à exploração das zonas limítrofes do Egipto (com finalidades comerciais e de extracção de pedra para obras monumentais), desde os desertos ocidental (destacando-se os itinerários do deserto líbio, o oásis do Sul e Bahareia) e oriental (Uadi el-Hudi, Hatnub, e do Uadi Hammamat ao mar Vermelho, Gebel Zeit e Ain Sukhna), até ao Sinai. A respeito da última região, o autor proporciona uma cronologia bastante detalhada das expedições egípcias realizadas sob a égide Senuseret III e dos derradeiros soberanos da XII dinastia, bem como

elementos informativos sobre a composição das mesmas, sistematicamente dirigidas por indivíduos que ostentam o título de «chanceler do deus» (em regra ligados à casa real). Tallet aproveita igualmente para tecer considerandos sobre o templo egípcio de Serabit el-Khadim. Esta parcela será, talvez, a que contém dados mais inovadores (alguns inéditos), o que não causa estranheza, já que o autor empreendeu (e continua a fazê-lo) pesquisas tanto nos desertos ocidental e oriental como no Sinai.

No capítulo V (pp. 165-184) privilegiam-se «Os contactos com o Próximo Oriente asiático»; na primeira alínea, oferece-se uma sucinta panorâmica do mundo asiático com base nas fontes egípcias do Império Médio, na segunda, especula-se um pouco sobre uma eventual campanha de Senuseret III na Ásia (que ainda não se afigura facto plenamente confirmado) e, na última, um apanhado relativamente elucidativo das relações mantidas entre o Egito e a Síria-Palestina no *terminus* da XII dinastia.

Quanto ao capítulo VI, «Arte e política» (pp. 185-198), um dos que para nós se revestia de maior interesse, desiludiu-nos um pouco, já que o autor reservou pouco espaço para vertentes que reputamos de essenciais e emblemáticas no âmbito da cultura e das mentalidades do Império Médio: a estatuária régia, a literatura egípcia de finais da XIII dinastia e a joalheria da coroa (julgamos que o título do capítulo ficaria melhor explicitado se Tallet optasse por «Arte, literatura e política»).

Ao fazer este reparo não tencionamos retirar mérito a Tallet, nem tão quanto desvirtuar o valor do livro, até porque a análise que apresenta reflecte uma postura prudente e escora-se em abordagens de consagrados egiptólogos (livros e artigos) como G. Posener, R. Tefnin, J. Assmann, R. Parkinson, P. Vernus e W. K. Simpson, no âmbito da ideologia e da filosofia política das fontes literárias do Império Médio, ou ainda F. Polz, D. Laboury e R. Freed, no tocante à escultura de vulto redondo.

No entanto, observámos estranhas omissões nas notas do fim do capítulo: no domínio da literatura, não se percebe o motivo (ou motivos) que levou o autor a excluir outros colegas seus, como E. Blumenthal ou H. W. Fischer-Elfert, que muito têm contribuído para o estudo da literatura egípcia desta época. No campo da arte, por seu turno, nem uma referência se capta à conhecida obra de D. Wildung (*Sesostris und Amenemhet. Ägypten im Mittleren Reich*, Munique, 1984), excepto a sua menção na bibliografia geral, onde Tallet remete

para a tradução francesa deste livro (*L'Âge d'Or de l'Égypte*, Friburgo, 1984), o mesmo sucedendo com o profícuo catálogo editado por J. Bourriau (*Pharaohs and Mortals. Egyptian Art in the Middle Kingdom*, Cambridge, 1988), que apenas surge citado, com o título incompleto, no fim do livro.

O capítulo VII é inteiramente devotado à «sociedade egípcia no final da XII dinastia» (pp. 199-220), valorizando-se aspectos como a sua forte hierarquização, a vida urbana, etc.

No capítulo VIII (pp. 221-250), o Autor debruça-se sobre a arquitectura funerária régia: num primeiro estádio centra-se nos complexos piramidais de Senuseret III e de Amenemhat III (ambos em Dahchur), afora certos elementos sobre as equipas de obreiros que trabalharam na necrópole; numa segunda etapa, lança um olhar fugaz sobre o complexo de Senuseret III, em Abido, e o de Amenemhat III, em Hauara.

O capítulo IX consiste no «Epílogo: do final da XII dinastia à XIII dinastia» (pp. 251-264), no qual o autor, ao mesmo tempo que procede a um balanço histórico dos últimos tempos do Império Médio – tratando de forma concisa de assuntos relacionados com os reinados de Amenemhat IV, Neferusobek e os derradeiros túmulos da XII dinastia – ainda inclui apreciações acerca da XIII dinastia (baseando-se muito no estudo de S. Quirke, «Royal Power in the 13th Dynasty», em *Middle Kingdom Studies*⁽⁴⁾, New Malden, 1991, pp. 123-139), o que tem o seu sentido, uma vez que actualmente muitos egiptólogos a consideram como a última do Império Médio.

No que respeita ao capítulo X, representa uma espécie de apêndice, no qual o autor debate questões que ainda hoje suscitam polémicas, divergências e dúvidas entre os estudiosos: a existência ou não de co-regências na XII dinastia (para o efeito valendo-se das interpretações de R. Delia, W. J. Murnane e C. Obsomer), certos problemas concernentes ao monarca Auibré Hor e, por último, algumas achegas de natureza histórico-cronológica quanto aos anos 7 e 19 de Senuseret III. Nestes três temas, Tallet evitou carrear argumentos desprovidos de sólidos fundamentos probatórios, razão pela qual o capítulo se afigura basicamente como um *status quaestionis*.

Seguem-se, depois, as notas referentes aos dez capítulos, onde podemos avaliar em que lastro assentou o trabalho de Tallet (pp. 289-311) e, finalmente, a Bibliografia⁽⁵⁾, na qual estão reunidos livros e artigos de especialistas franceses, belgas, alemães, britânicos, norte-americanos e italianos, o que mostra bem como o autor tentou congregar os contributos proporcionados por diferentes correntes egiptoló-

gicas das mais diversas procedências, na sistematização que empreendeu na sua obra, esforço que cabe louvar.

Posto isto, *Sésostris III et la fin de la XIIIe dynastie* constitui, em nosso entender, a despeito de certos reparos (que não põem em causa a qualidade ou a substância da obra), livro plenamente recomendável para todos quantos se interessem pelo Império Médio egípcio. Escrevendo numa linguagem acessível mas simultaneamente rigorosa, P. Tallet consegue oferecer ao leitor um panorama equilibrado e multifacetado tanto do reinado de Senuseret III – quanto à sua biografia faculta apenas fragmentos da sua identidade, na ausência de mais dados ilustrativos –, como dos elementos estruturais e conjunturais que caracterizaram o final da XII dinastia.

PIERRE TALLET, *Sésostris III et la fin de la XIIIe dynastie*, Paris: Éditions Flammarion/Pygmalion, 2005, 333 pp. + 74 figuras e 8 pranchas com fotografias a p/b. ISBN 2.85704-851-3

Notas

(1) Note-se que P. TALLET, à semelhança da maioria dos egiptólogos seus compatriotas (exceptuando M. BAUD), belgas e alemães, prefere utilizar a versão grega «Sesóstris», em face das dúvidas que ainda se põem acerca da vocalização das palavras em antigo egípcio. Preferimos, no entanto, e a respeito da onomástica régia, seguir os especialistas britânicos e norte-americanos e apresentar o nome na forma de Senuseret que corresponderá, sem grande margem de erro, ao original egípcio. Cabe acrescentar que em Portugal também se adoptou esta leitura e grafia, deixando de parte o equivalente grego (que não passa de uma corruptela), à semelhança do que se faz com os nomes de outros monarcas, como Khufu, Khafré e Menkauré, durante longo tempo mais conhecidos, respectivamente, pelas modalidades helénicas de Quéops, Quefren e Miquerinus.

(2) Obra que, em 1999, o próprio autor gentilmente nos ofereceu.

(3) Na realidade, para melhor se entender o conjunto de alterações observáveis no reinado de Senuseret III, seria desejável que o autor também extraísse alguns dados de outro estudo de Gestermann, *Kontinuität und Wandel in Politik und Verwaltung des frühen Mittleren Reiches in Ägypten* (1989): embora esta monografia (que possuímos, tal como o referido artigo, ofertados pela autora) se situe nos princípios do Império Médio, reveste-se de extrema proficuidade para se aferir como se desenvolveu concomitantemente o processo de continuidade e de mudança ao longo da XII dinastia, que, ao contrário, do que se depreende da obra de TALLET não se deveu apenas às iniciativas de Senuseret III.

(4) Obra cujo título TALLET, por lapso, apresenta como *Middle Egyptian Studies*.

(5) Não tem Índice remissivo, que seria obviamente útil para a consulta da obra.

Pedro de Abreu Malheiro